

**A História do Centro de  
Educação Física e  
Desportos da Universidade  
Federal de Santa Maria:  
Um Relato Cronológico**

*The History of the Center of  
Physical Education of the  
Federal University of Santa  
Maria: A Chronological Report.*

### **Resumo**

A realização desta pesquisa justifica-se a partir da constatação da inexistência de uma memória histórica sistematizada do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. O estudo tem como objetivo relatar a história da criação do Centro de Educação Física e Desportos resgatando a sua memória histórica em busca da sua identidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas com os primeiros professores, alunos e funcionários do Centro. As entrevistas semi-estruturadas tratavam da fundação da Universidade Federal de Santa Maria, da criação do Centro de Educação Física e Desportos, dos primeiros professores, do ingresso da primeira turma de alunos, do primeiro currículo e das condições materiais do Centro.

### **Abstract**

*The reason of this present research is the discovery of the absolute lack of a systematized historical memoir of the Center of the Physical Education of the Federal University of Santa Maria. This study has the purpose of reporting how the Center has been created in order to rescue its historical memoir and identity. For that, interviews have been made with the first Center's teachers, students and clerks. The half structured interviews were about the foundations of the University of Santa Maria, the creation of the Center of Physical Education, the first teachers, the ingress of the first student's class, the first curriculum and the material conditions of the center.*

"Também as estórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam, narrar é resistir".

Guimarães Rosa

## O Início de uma História

Quando escutamos a palavra História, uma das lembranças que vêm à nossa mente diz respeito àquela disciplina que estudamos na escola, na qual éramos obrigados a memorizar datas, nomes de monarcas, presidentes de repúblicas, mártires, heróis, batalhas e feitos heróicos. A história que unia as boas causas e os mártires fazendo uma colagem de episódios espontâneos e personagens heróicos determinou por muito tempo os rumos da historiografia brasileira, que apresentava a história oficial através da história memória.

Existem muitos entendimentos acerca do que é História, mesmo entre os especialistas existem posições diferentes e conflitantes.

A forma mais elementar é que a história é uma estória. Porém, uma estória que não é inventada, mas sim "é a história do que aconteceu no passado, ou do que o historiador é capaz de recuperar e reconstruir baseado no que aconteceu realmente". (1) A história é entendida como um registro. Mas o registro apresenta algumas limitações: a) é necessariamente fragmentário e incompleto devido às limitações do tempo, dos recursos práticos e técnicas dos historiadores; b) é confuso e tendencioso, e como nosso conhecimento do passado depende bastante do que foi documentado, ficamos na dependência de se ter os documentos na sua totalidade, o que é difícil de acontecer, pois podem se perder ou serem destruídos; c) é parcial e influenciado, pois a "história não é, afinal de contas, algo que existe independentemente do homem, ela nos chega filtrada através da mente e da imaginação humana"(2).

Outro fator limitante do trabalho do historiador é que

alguns registros do passado são deformados, isto é, são parciais, não abrangendo a totalidade do passado. Sendo assim, essas fontes não dão a sustentação suficiente para formularmos generalizações amplas e mesmo universais, pois são provas arbitrárias e fragmentadas.

Com relação à interpretação e parcialidade na pesquisa histórica podemos dizer, segundo Commager(3), que "a história não é científica nem mecânica, que a história é humana e, por isso, falível(...). A parcialidade acompanha o pesquisador desde a escolha do assunto até a etapa da interpretação. Portanto, por mais que se busque a objetividade, a história é irremediavelmente subjetiva.

Commager(4) nos chama a atenção para um aspecto fundamental a considerar quando analisamos os fatos históricos:

A inclinação para o presente é talvez a mais difícil de todas as limitações da História - nosso hábito instintivo de ver o passado através de nossos próprios olhos, julgando-o por nossos próprios padrões, recriando-o com nossas próprias palavras ou interpretando a linguagem do passado pelos nossos conceitos atuais, presumindo que tudo o que aconteceu, aconteceu em algum "passado", esquecendo que todo passado foi primeiro um presente.

Entendemos a história não como um dado acidental ou secundário, ou, ainda, reduzida à variável tempo ou data, mas como uma categoria que é o eixo da explicação e da compreensão científica da realidade que se apresenta dinâmica e conflitiva.

Shaff(5) nos ensina que a história é um processo que está sujeito a constantes reinterpretações, e não um fato acabado, uma verdade absoluta como as escolas, as universidades e outras instituições permeadas pela ideologia dominante queiram afirmar. No entanto, para construirmos uma outra interpretação da história necessitamos ter um conhecimento prévio de todos os elementos envolvidos numa determinada realidade: os atores principais, os atores coadjuvantes, o cenário, as relações de força, as articulações conjunturais, só para citarmos alguns.

Considerando-se todo esse contexto, uma releitura da história é uma tarefa difícil e complexa, pois, temos que ir além das aparências dos fatos e fenômenos, precisamos desvendar o "conflito das interpretações" e o "conflito dos interesses" que se encontram na estrutura da realidade porque na medida em que a história ajuda a, explicar a realidade contribui ao mesmo tempo para transformá-la. Portanto, é sustentada por nossa visão de mundo, que ao mesmo tempo em que orienta a produção da pesquisa, se constrói na prática cotidiana da pesquisadora, que esta investigação pretende caminhar.

Temos a intenção de reescrever a história da criação do CEF da UFSM a fim de resgatar sua memória histórica na busca da sua verdadeira identidade.

Justificamos nossa, pesquisa por termos constatado a inexistência de uma memória histórica sistematizada do CEF da UFSM. Naturalmente que existem alguns relatórios e documentos em arquivos espalhados pelo Centro, mas nenhum deles ultrapassa o nível informativo de dados. Portanto, não temos o conhecimento da existência de um trabalho científico (sistematizado, interpretativo) que trate dessa questão. E mais, um trabalho que supere a etapa do levantamento de dados (número de alunos, número de professores, carga horária, grade curricular) qualificando-se enquanto análise/interpretação desses dados e fatos.

Segundo o professor Haimo Hartmuth Fensterseifer:

"a questão específica do Centro, a história da Educação Física no Centro não se tem, pois as pessoas não tinham produção científica naquela época".

Principalmente, não temos nada registrado pelas pessoas que acompanharam o crescimento do CEF, que lhe deram vida e, dessa forma, construíram suas próprias vidas. E como nos fala o escritor mexicano Octavio Paz(6):

A destruição da memória não afeta apenas o passado, como também o futuro. Para mim, a memória é a forma mais alta da imaginação humana, não é apenas a capacidade automática de recordar. Se a memória se dissolve, o homem se dissolve.

Portanto, se faz premente a realização de estudos e pesquisas que resgatem a memória do CEF, pois ao fazê-lo estaremos resgatando também a história da Educação Física brasileira. Temos que superar essa limitação no campo da história da Educação Física, e já não falo mais só na pesquisa histórica em Educação Física, mas na concepção da história dos homens, das sociedades e das instituições que os professores de Educação Física possuem, na tentativa de que estes profissionais façam uma leitura crítica do mundo e compreendam o seu papel nele (prática social). Pois, como constata Wiggers(7) em sua tese de mestrado, os professores de Educação Física, em geral, têm o entendimento de que a história social e do homem não muda, conseqüentemente não entendem a construção histórica como resultado da sua prática educacional e social.

Para alcançarmos os objetivos levantados nesta pesquisa, vamos estabelecer algumas questões norteadoras que conduzirão para uma grande síntese da temática em debate. Estas questões tratam fundamentalmente da fundação da UFSC, da criação do CEF, dos professores, alunos e funcionários deste Centro, das condições físicas e materiais na época delimitada, do primeiro currículo e das concepções de Educação Física e esporte predominantes.

Objetivamente, os questionamentos são os seguintes:

- 1) Como foi o processo da criação da UFSC e, posteriormente, do CEF desta Universidade?
- 2) Sobre os primeiros professores do CEF, quem eram e qual a concepção de Educação Física que norteava sua prática pedagógica?
- 3) Como acontecia o ingresso dos alunos no curso de graduação em Educação Física?
- 4) Quem eram os primeiros funcionários do CEF?

5) Como se apresentava o CEF em termos de condições físicas e materiais (infra-estrutura)?

6) Como se apresentava o primeiro currículo do CEF?

7) Por que o curso de Educação Física possui seu Centro próprio, autônomo, se nem mesmo o Centro de Educação da Universidade desfruta desse privilégio? O próprio professor Haimo Hartmuth Fensterseifer levanta essa questão na sua entrevista. As questões serão respondidas nos capítulos que seguem à medida que vamos relatando a história do CEF.

### **Os Caminhos da Investigação**

A Educação Física brasileira tem aumentado consideravelmente nos últimos anos a sua produção científica com trabalhos de natureza pedagógica e sociológica. Todavia, a maioria dessas pesquisas apresenta um problema fundamental de ordem metodológica, que diz respeito à periodização da História da Educação Física no Brasil.

A forma como é feita a periodização da história da Educação Física no Brasil de fato não se caracteriza como periodização, revelando até mesmo uma despreocupação conceitual. Temos, então, que a História da Educação Física no Brasil é proposta da mesma maneira com relação aos períodos históricos da história política do país (dividindo-se em Brasil Colônia, Império e República), conduzindo, dessa forma, segundo Gebara(8) a um duplo equívoco:

De um lado, porque os acontecimentos políticos que delimitam tanto a Colônia quanto o Império, por exemplo, não têm qualquer relação com a delimitação do objeto em análise - Educação Física. De outro lado, e mais grave, a Educação Física passa a ser vista a partir de relações exteriores a ela mesma. Tal postura induz a uma postura metodológica bastante limitada e limitadora e o objeto se descaracteriza, perdendo sua especificidade própria.

Então temos também problemas relacionados com o

aporte teórico escolhido, pois:

o objeto de estudo se desloca, a História da Educação Física no Brasil passa a ser contada colada a uma multiplicidade de "Histórias" exteriores, quando não alheias à própria Educação Física.(9)

Portanto, as pesquisas em História da Educação Física apresentam uma periodização que se dá exteriormente à própria Educação Física, muitas vezes se periodizando a História da Educação no Brasil e não os momentos específicos da História da Educação Física, que é vista de forma limitada e generalista, quando não como um aspecto do saber pedagógico.

Feitas as considerações gerais sobre a pesquisa em história da Educação Física passamos a discorrer sobre os procedimentos metodológicos.

Lowy(10) apresenta três hipóteses fundamentais acerca da concepção historicista da ciência social e do processo de conhecimento científico na perspectiva historicista, as quais se constituíram no pano de fundo das bases teórico-metodológicas da nossa pesquisa:

1. Qualquer fenômeno social, cultural ou político é histórico e só pode ser compreendido dentro da história, através da história, em relação ao processo histórico.
2. Existe uma diferença fundamental entre os fatos históricos ou sociais e os fatos naturais. Em consequência, as ciências que estudam estes dois tipos de fatos, o fato natural e o fato social são ciências de tipos qualitativamente distintos;
3. não só o objetivo da pesquisa é histórico, está imergido no fluxo da história, como também o sujeito da pesquisa, o investigador, o pesquisador, está ele próprio imerso no curso da história, no processo histórico.

Um fato concreto que originou a investigação foi nossa convivência com a comunidade do CEF como membro de um



segmento - aluna, o que foi fundamental para a aproximação como nosso foco de interesse (problema de pesquisa), e contribuiu também para a interpretação/discussão dos conhecimentos adquiridos no processo da pesquisa.

Nesse sentido caminhamos para uma superação da relação sujeito/objeto do conhecimento, pois entendíamos os alunos, funcionários e professores como co-autores da pesquisa. Portanto, sujeitos do conhecimento na medida em que através de processo de intercomunicação captamos juntos a realidade, e nós, enquanto pesquisadora, deixamos de ser um elemento externo às circunstâncias que procurávamos conhecer.

Os professores, os funcionários e alunos, nos depoimentos relativos à sua trajetória de vida no Centro de Educação Física, fizeram muito mais do que rememorar fatos históricos, pois o exercício reflexivo nas entrevistas fez com tomassem consciência de sua experiência vivida e percebessem que, participando na construção dos destinos desta instituição, construíam seus próprios destinos.

O principal meio de coleta de informações foram as entrevistas, que eram visualizadas não só como instrumento de pesquisa, mas sim, um processo de interação social. As entrevistas eram semi-estruturadas e, portanto, seguiam um roteiro básico para orientar as respostas na direção dos objetivos da pesquisa.

Concluída a etapa das entrevistas estas foram transcritas para uma posterior análise das falas. A interpretação da história não se dá individualmente pelo pesquisador, mas é o resultado de um processo coletivo de interpretações formulada por pessoas que dialogaram. A etapa da descrição esteve sempre entremeada de citações feitas a partir das conversas entre as pessoas. Esse recurso foi utilizado toda vez que a expressão própria da pessoa mostrava com maior clareza o dado que se dava a conhecer.

## **A Universidade Federal de Santa Maria e a Criação do Centro de Educação Física**

Compreender a história da universidade brasileira sem inserir essa discussão num debate mais amplo acerca da sociedade em que vivemos é um processo de discussão falho, pois, a história da universidade brasileira está intimamente ligada ao desenvolvimento político-econômico-social do país.

A década de 60 é também a grande época do questionamento da universidade. Em 1960 assume o governo do Brasil o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, iniciando-se no país a fase desenvolvimentista.

Segundo Louro(11):

Os anos do período JK até a queda de Jango (1964) são recordados usualmente como a fase mais democrática da república brasileira. Foi um período de realizações econômicas e políticas, de maior participação da sociedade civil, de revitalização da vida cultural brasileira e mesmo de discussões especificamente educacionais. Anos de modernização acelerada, mas que resultaram em altos custos sociais.

Nesta fase afirmava-se a necessidade de modernização da sociedade brasileira como base para seu desenvolvimento. A industrialização era vista como o único caminho para se chegar ao desenvolvimento.

Todas essas mudanças internas do país passaram a ter acompanhamento dos Estados Unidos, que buscaam consolidar-se no ocidente, especialmente na América Latina. Os norte-americanos objetivavam levar aos países subdesenvolvidos o seu progresso tecnológico, científico e industrial a fim de implementar seu modelo capitalista, garantindo a hegemonia. A entrada de nova tecnologia no país fez com que houvesse treinamento de pessoal técnico e conseqüentemente ampliação da escolaridade.

Assim, desta década em diante a entrada de assessores

americanos e viagens de treinamento de brasileiros ao exterior (EUA especialmente) são muito desenvolvidas, diz Louro(12).

No meio estudantil brasileiro travava-se, neste período, um debate de caráter político muito intenso que visava não só a reforma universitária como também reformas de base na estrutura da sociedade brasileira. O sistema universitário brasileiro era arcaico e abrangia poucos estudantes. Quando os militares passaram a governar o país a partir de 1964 iniciou-se o processo de reforma universitária, que se caracterizou como um processo de modernização conservadora da universidade brasileira.

A reforma se efetiva através da Lei 5.540/68, porém é uma reforma outorgada ao mesmo tempo em que acontece o desmantelamento político do movimento estudantil via Ato Institucional número 5. Quanto às reformas de base, essas são redefinidas segundo os conceitos do novo governo militar.

Também são assinados nesse período, mais precisamente em 1966, os acordos entre o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e a USAID (United States Agency for International Development), isto é, a agência norte-americana para o "desenvolvimento" dos países dependentes. Os acordos MEC-USAID têm o objetivo de fazer a reforma universitária e, para tanto, são organizadas comissões de planejamento integradas por técnicos brasileiros e norte-americanos. O sistema universitário brasileiro sofre reformas para ficar adequado ao modelo de universidade americana.

O processo de expansão do ensino superior no Brasil já havia começado no período imediato ao golpe militar, porém sem qualquer planejamento e política educacional que orientasse seus rumos.

A educação era vista como um instrumento eficaz de ascensão social do indivíduo, então começaram os incentivos do governo federal para a criação de Instituições de Ensino Superior (IES). O processo de expansão das IES acontece, principalmente, de 1965 a 1975.

Simultaneamente ao processo acima descrito, o governo reduz os investimentos no campo da educação pública, não

atendendo a demanda do ensino superior concedendo, porém, algumas facilidades para as instituições particulares se multiplicarem.

Portanto, ao mesmo tempo em que eram dados incentivos ao ensino privado, iniciava-se o progressivo sucateamento da universidade pública brasileira.

### **A História da Universidade Federal de Santa Maria**

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi fundada em 14 de dezembro de 1960 pela Lei Federal 3.834-C, sendo solenemente instalada em 18 de março de 1961 pelo seu reitor José Mariano da Rocha Filho.

A UFSM ainda não tinha sido reconhecida pelo governo federal. Começou a se estruturar no longínquo ano de 1931, a partir da Faculdade de Farmácia, a primeira a ser criada pelos professores José Mariano da Rocha e Francisco Mariano da Rocha, pai e tio, respectivamente, de José Mariano da Rocha Filho, primeiro reitor da UFSM.

Inicialmente, o professor Mariano da Rocha lutava pela incorporação do curso de Farmácia e Odontologia de Santa Maria e das duas faculdades de Pelotas à Universidade de Porto Alegre. O processo de incorporação das faculdades do interior foi muito difícil, pois existia uma forte resistência do reitor da Universidade de Porto Alegre, o senhor Armando Câmara, que acabou perdendo sua posição justamente por criar um movimento de oposição à incorporação do interior.

O resultado final dessa discussão foi a aprovação da incorporação das faculdades de Farmácia e Odontologia de Santa Maria e das faculdades de Direito e Agronomia de Pelotas à Universidade de Porto Alegre, que a partir de então passou a chamar-se Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porém, nem todos eram a favor da interiorização do ensino superior, isto é, da criação de faculdades no interior do Rio Grande do Sul. Ao contrário, consideravam a interiorização um escândalo. Só existiam no interior do Estado a Faculdade de

Farmácia e Odontologia de Santa Maria e as Faculdades de Direito e Agronomia de Pelotas.

Foi o professor Mariano da Rocha que começou a tratar da questão da interiorização do ensino no Rio Grande do Sul. Ele fala sobre isso:

"Eu levantei a bandeira que se chamava interiorização do Ensino Superior. Não passa pela minha cabeça que o Rio Grande todo só pudesse ter faculdade em Porto Alegre, e que a juventude toda do Rio Grande fosse obrigada a transladar para Porto Alegre para aprender."

Até o ano de 1954 permanecemos somente com a Faculdade de Farmácia e Odontologia, quando foi criada a Faculdade de Medicina pelo professor Mariano da Rocha juntamente com seu colega de turma no curso de Medicina e grande amigo, o professor Rubens Maciel.

No princípio, a UFSM reunia as seguintes faculdades, conforme registros e terminologia da época: Farmácia, Odontologia, Medicina, Instituto Eletrotécnico do Centro Politécnico, Ciências Políticas e Econômicas, Agronomia, Veterinária, Direito, Belas Artes, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras "Imaculada Conceição" - FIC e a Escola Superior de Enfermagem "Nossa Senhora Medianeira" - FACEM. Todas estas faculdades eram inicialmente regidas pelo estatuto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da qual desmembraram-se alguns dos institutos de ensino.

O professor Haimo Hartmuth Fensterseifer nos fala dos primórdios da UFSM:

"... a universidade era muito menor, tinha uma característica fundamental muito importante, era uma universidade do interior. Outra questão que ficou pra mim marcada fortemente sobre o papel da universidade é sua relação com o campus avançado de Roraima, (...) esse é outro significado muito grande que veio através do

Projeto Rondon, no sentido da interiorização, constituindo-se num fato político realmente bastante significativo da interiorização do ensino."

O objetivo inicial da UFSM era o de formar graduados a fim de atender a grande demanda, pois existia uma deficiência de profissionais de nível superior, na época em que a universidade foi criada, como confirma o professor Riegel(13):

Nossa instituição nasceu com uma concepção do ensino superior, que era o da transmissão do saber, fundamentalmente pelo tipo de visão dos pioneiros, mas também pela localização da cidade longe dos grandes centros urbanos.

Portanto, o ensino era o objetivo central da nossa universidade, e somente bem mais tarde alguns professores começaram a romper esse ciclo, não se limitando mais apenas à docência, mas partindo para o campo da pesquisa.

### **A História do Centro de Educação Física**

Quando pensou em criar uma faculdade de Educação Física, o professor José Mariano da Rocha Filho foi buscar auxílio na pessoa do coronel Milo Aita, um coronel reformado do exército muito conhecido em Santa Maria pelo seu envolvimento com clubes, associações e atividades esportivas.

Ao retornarem de uma viagem ao exterior, Milo Aita e mais uma comissão passaram a encaminhar os papéis necessários para a criação do CEF.

A verba para a construção do CEF veio do deputado Tarso Dutra, que também era muito amigo do coronel Milo Aita.

Com os devidos encaminhamentos, o CEF passou a funcionar realmente no ano de 1970, sendo a data de 14 de maio considerada para as comemorações do aniversário do Centro.

Segundo Valdir Lazzarin:

"... foi considerada essa data porque foi nesse dia proferida a aula inaugural pelo coronel Érico Tinoca, então diretor do Departamento de Desportos do MEC".

Aos poucos o Centro foi se estruturando. Construiu-se a meia lua do Estádio Tarso Dutra, com algumas salas de aula. Também concluiu-se uma quadra de asfalto e o campo de futebol. Anos depois, foi construída a pista de atletismo. Os dardos utilizados nos lançamentos eram feitos com cabos de vassoura e o arremesso de martelo com um saco de estopa que tinha uma bola dentro.

Segundo o professor Pedro Luiz Beno Lang:

"... foi tudo uma coisa mais ou menos improvisada porque não se tinha material. Os professores se obrigavam a improvisar e criar material(...)".

Como a piscina térmica não existia ainda, as aulas de natação eram ministradas na piscina do Clube Corinthians ou no Balneário Bela Vista, em Camobi. As aulas teóricas eram dadas à noite, em determinados setores da reitoria na cidade.

Com a criação do Decreto-Lei 705/69, que torna obrigatória a Educação Física em todos os níveis e ramos de ensino, o Centro de Educação Física foi pressionado a ampliar sua infra-estrutura, bem como a aumentar os recursos humanos para atender a nova demanda de universitários.

O professor Pedro Luiz Beno Lang relata-nos esta situação no CEF:

"Aconteceu que o CEF teve que dar atendimento a 4000 alunos, então daí é que se usou esse tipo de argumento para se conseguir verba no MEC para construir ginásio,

construir piscina. O CEF evoluiu mais em função desse Decreto-Lei 705/69."

Passados poucos meses da promulgação da Lei da Reforma Universitária surge o Decreto-Lei 705/69, que veio alterar a redação do artigo, 22 da Lei 4.024/61, estendendo a obrigatoriedade da prática da Educação Física a todos os níveis e ramos de ensino, tornando-a obrigatória inclusive a todos os estabelecimentos de ensino superior. Essa rápida mudança da situação da Educação Física que se estende da escola até o ensino superior é explicada a partir do contexto sócio-político da época.

O golpe de 64 recebeu o apoio de amplos setores da classe dominante, mas alguns segmentos como o estudantil, principalmente, resistiram. Então, se fez necessário para o novo governo militar tomar algumas medidas para desarticular o movimento estudantil que o combatia com veemência.

Nesse contexto maior, a Educação Física vem tornar-se obrigatória no ensino superior por conta do Decreto-Lei 705/69 justamente para "acalmar os ânimos dos estudantes" colaborando, através do seu caráter lúdico-esportivo, com o esvaziamento de qualquer tentativa de rearticulação política do movimento estudantil.

No ano de 1971 foi promulgado o Decreto 69.450 de 01/11/1971, que dispõe sobre a prática da Educação Física nas escolas e faz alusão à forma de organização da Educação Física no ensino superior através da criação de clubes esportivos. Quanto à sua forma de organização específica no ensino superior temos o artigo 13 da Lei 69.450/71 que diz:

A prática da Educação Física no ensino superior será realizada por meio de clubes universitários criados segundo modalidades afins, na conformidade das instalações disponíveis, os quais se filiarão à Associação Atlética da respectiva instituição.(14)



O professor Jefferson Canfield, em seu livro "Educação Física e Desporto Universitário: aplicação do Dec. 69.450/71 na UFSM", apresenta o relato da experiência vivida pelo CEF com a implantação do referido Decreto.

De 1972 até o ano de 1974, a responsabilidade pelas aulas de Educação Física é do Setor de Clubes Universitários, vinculado ao Departamento de Desportos Universitários, subordinado do CEF/UFSM, que passaria a dar atendimento a todos os acadêmicos. Este departamento tinha as seguintes finalidades: fornecer os créditos de aproveitamento na disciplina de Educação Física e incentivar campeonatos, torneios e competições.

A importância do sistema de clubes universitários para dar atendimento aos alunos gerou a necessidade de se aumentar o número de profissionais da Educação Física para atuar nesse novo mercado de trabalho. Dessa forma, a livre iniciativa encontra as condições favoráveis relativas à formação profissional na Educação Física, pois a demanda do setor público tornou-se insatisfatória. Então, devido às novas perspectivas iniciou-se a instalação de novos estabelecimentos de ensino particulares.

Em 1973, o Conselho Federal de Educação proibiu a abertura de novas escolas na base de convênios (Portaria número 29, de 28/05/1973), exigindo que a entidade mantenedora, ao pedir autorização, comprovasse a propriedade da piscina, pista atlética, ginásio, salões para ginástica, áreas cobertas, biblioteca com acervo e dimensões apropriadas, laboratórios(15). Esta portaria surgiu exatamente no ano em que foram criadas as últimas dez ESEFs do Rio Grande do Sul. Embora não se conseguisse exigir das escolas já existentes o necessário patrimônio, impediu-se o nascimento de novas escolas que não tivessem as instalações e equipamentos necessários.

### **Sobre o ingresso dos alunos no curso de Educação Física.**

O processo de seleção para o ingresso dos alunos no curso de Educação Física foi estabelecido pelo edital número 1, de

31/12/69, publicado na imprensa de Santa Maria e do Estado. No edital, constavam os exames necessários para o ingresso no curso: a)exame de conhecimentos gerais; b)exame de aptidão física e habilidade motora; c)exame de sanidade física e mental.

Os exames práticos, exame de aptidão física e habilidade motora e o exame de sanidade física e mental eram realizados no Regimento Mallet, constituindo-se numa bateria enorme de testes que envolveu bastante tempo na avaliação.

O processo de seleção dos alunos para o curso de Educação Física era muito parecido com os exames solicitados para o recrutamento militar, tendo como objetivo central a valorização da aptidão física.

Segundo Dantas(16):

os exames vestibulares para as escolas de Educação Física tinham sua maior dificuldade, via de regra, nas provas práticas, nas quais eram exigidos índices totalmente fora dos padrões de normalidade da população.

Para o professor Lang:

"... a realização dos testes práticos na seleção dos candidatos era uma forma de ver quais os alunos que tinham um passado esportivo. Tanto é verdade que o nível de conhecimentos de esportes era bem maior naquelas primeiras turmas do que hoje, porque as pessoas praticavam muito mais esporte antigamente, por incrível que pareça.

Percebemos, a partir da fala do professor Lang, que os testes físicos realizados na seleção dos alunos para o curso de Educação Física objetivavam selecionar os candidatos que tinham um passado esportivo, isto é, alguma prática esportiva anterior.

Também constatamos que existem pouquíssimos trabalhos de pesquisa, ou mesmo relatórios e documentos, que façam

estudos sobre os exames de aptidão física utilizados pelos cursos de Educação Física como requisito para o ingresso nos mesmos, pois embora o CEF tenha abolido os exames físicos, muitas faculdades de Educação Física ainda os mantêm.

Um dos poucos trabalhos existentes nessa área é a tese de doutoramento do professor João Luiz Zinn, da UFSM. O trabalho do professor Zinn intitula-se: "Study of Relation Scrip between Admission Aptitude Tests for Physical Education Course of Study and Selected First-year Course Grades" ("Estudo da Relação entre os Testes de Aptidão Física para Admissão no Curso de Educação Física e as Notas Adquiridas no Primeiro Ano do Curso"). Este trabalho tem como objetivo verificar a utilidade dos testes de aptidão física para fazer um prognóstico das notas do curso de graduação em Educação Física.

Desde o ano de 1970, quando foi criado o curso de Educação Física, até 1984, os exames para verificar a condição física sofreram algumas alterações. Em seu estudo, Zinn (17) nos fornece alguns dados sobre os exames de aptidão. Em 1976 a bateria de testes utilizada no processo de seleção tinha 10 testes.

Em 1980, a bateria de testes de aptidão física realizada pelo CEF, sofreu uma reformulação, passando a constituir-se de apenas 6 testes: 1) passos laterais (tempo em segundos); 2) coordenação de saltos dentro do bambolê (número de erros); 3) corrida sinuosa (tempo em segundos); 4) salto com 360 graus (número de erros); 5) dança cossak (número de erros); 6) Burpee (tempo em segundos). Em 1982, mais um teste é somado aos anteriores, o teste de adaptação à água (número de erros).

Portanto, os alunos que desejassem cursar Educação Física na UFSM deveriam fazer, anteriormente, os testes de aptidão física relacionados acima, e só então, depois de aprovados nesta primeira etapa, poderiam fazer o vestibular. Essa situação perdurou até o ano de 1984, quando foram abolidos os testes físicos.

Com relação à primeira turma do CEF temos que o número de alunos inscritos para os exames de seleção totalizavam 141 alunos, sendo que destes, restaram 50 alunos. Os alunos que foram aprovados nos exames de conhecimentos gerais, de aptidão física e habilidade motora e ainda o exame de sanidade física e

mental, fizeram suas matrículas no período de 1 a 7 de maio de 1970. A primeira turma era composta de 25 alunos do sexo feminino e 25 alunos do sexo masculino, preenchendo dessa forma as 50 vagas existentes.

A formatura dessa turma aconteceu em dezembro de 1972, sendo que dos 50 alunos que iniciaram o curso, 42 alunos chegaram a concluí-lo.

### **Sobre os primeiros professores do curso de Educação Física**

Na década de 60, quando foi fundada a Universidade Federal de Santa Maria, existiam poucos profissionais com curso superior.

Tanto era assim, que os docentes universitários eram admitidos sem concurso de qualquer tipo e muitos passavam da condição de aluno formado para a de professor em ano imediatamente subsequente. A docência, na época, não era profissional e dar aula no campo docente era toda obrigação que se mantinha com a universidade.(18)

Na UFSM, segundo o depoimento do professor Mariano da Rocha,

"Os primeiros professores que lecionaram na faculdade de Direito, Ciências Econômicas, eram daqui mesmo. Eles não tinham formação, começaram aqui mesmo na luta. Santa Maria sempre foi um núcleo de ensino muito sério. No ensino secundário estava em primeiro lugar o de Porto Alegre, depois o de Santa Maria e de Pelotas."

O primeiro concurso realizado no CEF para seleção dos docentes, tinha trinta e oito candidatos para seis vagas. O processo de seleção constava apenas de um concurso de títulos, da análise

do curriculum vitae dos candidatos, sem haver provas.

Dos seis professores que foram aprovados, quatro eram provenientes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - o professor Haimo Fensterseifer, a professora Heloisa Vasconcelos, a professora Cecy Funk Rubin e o professor Pedro Lang. Os outros dois professores, Jardini Tombesi e Clóvis Ávila não possuíam curso superior de Educação Física, eles pertenciam à Brigada Militar.

No CEF, a maioria dos professores que temos hoje no seu corpo docente são ex-alunos da primeira turma do curso. São eles: o professor Aluisio Ávila, o professor Celso Giacomini, o professor Renan Sampedro e o professor Valdir Garcia.

A equipe que inaugurou o trabalho no CEF foi: o coronel Milo Darci Aita - primeiro diretor e coordenador do curso (na época essa titulação era denominada de decano); o professor Clóvis Ávila, que passou a ser coordenador do curso, enquanto Milo Aita se tornava decano do Centro; os professores Jardini Tombesi, Heloisa Pfeifer Vasconcelos, Haimo Hartmuth Fensterseifer, Pedro Luiz Beno Lang, Cecy Funk Rubin. Dois anos após a formação desse grupo, o professor Jefferson Thadeu Canfield passou a integrá-lo.

## **O Primeiro Currículo do Curso de Educação Física**

No que diz respeito à história do primeiro currículo do Centro, temos duas versões diferenciadas, mas não opostas.

A primeira foi extraída do depoimento do professor Aluisio Otávio Ávila:

"O Mariano da Rocha quando foi fazer o Centro de Educação Física...entrou em contato com um colega que era aqui de Santa Maria, o apelido dele era "Nego Bão", ele era o capitão Banda, estava na Escola do Exército no Rio de Janeiro. Era conhecido, muito querido e foi esportista nosso aqui, na época ela era militar e com

atividade na Escola de Educação Física do Exército. Então, foi pedido pra ele fazer o currículo do CEF. O currículo do CEF foi feito lá dentro do Exército, por ele, mas ele nunca participou de uma reunião. O currículo veio pronto de lá, não existia ninguém por aqui ainda. Aí o coronel Milo Aita recebeu aquele currículo para mandar para Brasília. Então, o currículo foi feito externo, não havia nenhuma participação. Daí o currículo foi implantado."

A segunda versão exposta pelo professor Haimo Fensterseifer e pelo professor Lang diz que a construção do primeiro currículo do curso de Educação Física partiu de uma reunião realizada com os professores que haviam sido selecionados para compor o corpo docente. O professor Haimo Fensterseifer lembra:

"Lembro-me muito bem que nós elaboramos o currículo num quadro negro, onde era a antiga Faculdade de Direito, no centro, onde hoje tem a agência do Banco do Brasil. O Milo Darci Aita, Maria Luiza Moura, que hoje é juíza do trabalho, e os seis primeiros professores elaboraram o currículo. Logicamente que tinha naquele momento um fato muito importante, em 1968 o Conselho Federal de Educação (CFE) aprovou o segundo currículo mínimo. Então já veio a nossa orientação básica, que foi pegar aqueles dados, aqueles elementos todos no parecer definitivo pelo CFE. Essa foi a matriz básica da proposta do primeiro currículo."

Apresentamos as duas versões, porém neste estudo não temos elementos suficientes para dizer qual das duas versões está mais próxima da verdade. Portanto, se faz necessário a leitura de documentos da época e outras entrevistas para podermos, com dados e fatos mais precisos, legitimar uma das versões.

A seguir expomos a primeira grade curricular do curso de Educação Física da UFSM (19):

	Currículo do Centro de Educação Física da UFSM
Duração do curso: 3 a 5 anos	6 semestres
I - Matérias : 1.1 Biologia Básicas : 1.2 Anatomia : 1.3 Fisiologia : 1.4 Cinesiologia : 1.5 Biometria : 1.6 Higiene	: 1.1 Biologia (1 semestre) : 1.2 Anatomia (2 semestres) : 1.3 Fisiologia (1 semestre) : 1.4 Cinesiologia (1 semestre) : 1.5 Biometria (1 semestre) : 1.6 Higiene (3 semestres)
II - Matérias Profissionais : 2.1 Soc. Urgentes : 2.2 Ginástica : 2.3 Rítmica : 2.4 Natação : 2.5 Atletismo : 2.6 Recreação : 2.7 Mat. Pedagógicas Psic. da Educação Didática Estrut. e Func. do 2ºGrau	: 2.1 Soc. Urgentes.(1 semestre) : 2.2 Ginástica (2 semestres) : 2.3 Rítmica (2 semestres) : 2.4 Natação (3 semestres) : 2.5 Atletismo (4 semestres) : 2.6 Recreação (2 semestre) : 2.7 Mat. Pedagógicas (3 sem.) Didática Estrut. e Func. do 2ºGrau

<p>III - Outras Matérias</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>: 3.1 Treinamento Desportivo II (2 semestres)</li> <li>: 3.2 Arbitragem (1 semestre)</li> <li>: 3.3 História da Educação Física (1 semestre)</li> <li>: 3.4 Moral e Cívica (1 semestre)</li> <li>: 3.5 Organização (2 semestres)</li> <li>: 3.6 Metodologia (2 semestres)</li> <li>: 3.7 Esporte (4 semestres)</li> <li>: 3.8 Estágio (1 semestre)</li> </ul>	
---	--

O primeiro currículo do curso de Educação Física foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFSM em 26 de abril de 1971. Ele funcionava dentro das normas do currículo mínimo aprovado para os cursos de Educação Física pelo Conselho Federal de Educação (Parecer número 894, de 21 de dezembro de 1969, Resolução número 2.069/69) totalizando uma carga horária de 3000 horas aula, sendo que aproximadamente 1000 horas/aula eram dedicadas à prática esportiva. A grade curricular apresentava mais ou menos quarenta disciplinas.(20)

O currículo mínimo foi constituído de Matérias Básicas e Matérias Profissionais, além das Disciplinas Complementares. Este currículo vigora até os dias de hoje com algumas mudanças internas de disciplinas que compõem a grade curricular.

Uma característica básica do nosso currículo inicial é o praticismo, isto é, a maioria das aulas eram voltadas para a exercitação física dos esportes, sendo reservada uma carga horária pequena para as aulas teóricas. Conta-nos o professor Aluísio Ávila:

"No nosso currículo velho não tinha muita teoria, com exceção daquela parte básica de Anatomia, Fisiologia, o



resto era essencialmente prático, e as disciplinas que tem hoje, naquela época não existiam. Essas disciplinas de Desenvolvimento Motor, Aprendizagem Motora, Biomecânica, Fisiologia do Exercício, isso não existia na época em que foi criado o CEF."

Atualmente, o currículo do curso constitui-se de 36 disciplinas, todas de caráter obrigatório. A carga horária total é de 2430 horas/aula.

### **O Final Desta História**

Procuramos neste estudo interpretar a história do Centro de Educação Física na busca da sua identidade. A metodologia empregada foi a pesquisa oral. Através da história oral coletada nos depoimentos, entrevistador e entrevistado resgatam a memória histórica do Centro fazendo e sendo história.

Pretendemos, nesta conclusão, retomar pontos levantados no decorrer do estudo, apontando suas limitações, para então trilhar caminhos com vistas a futuras investigações que venham somar-se.

No início de nossa história objetivamos construir um aporte teórico sobre algumas questões que subsidiariam teoricamente a análise/interpretação da questão central da pesquisa. Também, neste primeiro capítulo, relacionamos as dificuldades do pesquisador no uso de entrevistas, o que poderia ser enriquecido acrescentando-se um debate fundamental na interpretação dos fatos, que diz respeito à subjetividade do historiador.

Quando falamos dos caminhos da investigação tivemos a preocupação de ir além da simples apresentação dos procedimentos metodológicos. Ousamos questionar a periodização empregada nas pesquisas em História da Educação Física. E sugerimos que novos estudos aprofundem esse tópico na busca de uma periodização própria da Educação Física, questionando a

comumente empregada que se dá exteriormente a ela.

Entendemos que os capítulos 4º e 5º, que contam a História da UFSM e do CEF carecem de uma maior interpretação dos fatos na evidência de muitas contradições verificadas nos depoimentos.

Portanto, os seguintes pontos mereceriam um reexame:

- a) Se houve realmente um planejamento para a construção da UFSM, ou esta é decorrente de um aglomerado de faculdades;
- b) Não havia uma preocupação com a formação e qualificação dos professores da UFSM;
- c) Havia um forte controle ideológico sobre os professores, alunos e funcionários, expresso na legislação educacional daquela época;
- d) No princípio, a UFSM era voltada para o ensino; a pesquisa veio se aliar aos objetivos da universidade muito tempo depois;
- e) Havia um controle ideológico dos alunos através dos testes de aptidão física que eram pré-requisito para o ingresso no curso de Educação Física, e dos professores, através dos concursos seletivos;
- f) Análise da produção científica do curso de Educação Física que traz implícita as suas diretrizes político-ideológicas;
- g) A importância da Faculdade Interamericana de Educação, que foi sede do primeiro mestrado em currículo no Brasil, e responsável pela formação dos recursos humanos para outras universidades;
- h) A educação Física e a Educação Moral e Cívica nos currículos universitários;
- i) Os caminhos (linhas de pesquisa) da pós-graduação no Centro de Educação Física;
- j) O sentido da palavra ginástica empregado pelos entrevistados pode ser entendido de várias formas: como sinônimo de Educação Física, enquanto método ginástico, como atividade ginástica, sendo necessário um melhor esclarecimento;
- h) Como e quais os conteúdos que deveriam ser trabalhados na disciplina História da Educação Física e dos Esportes na direção da compreensão do homem como ser histórico.

Todos os questionamentos levantados devem ser avaliados com maior profundidade em estudos posteriores, pois não se constituíram como objetivo específico desta investigação

monográfica.

## Notas

1. Henry Steele COMMAGER, Iniciação ao Estudo da História, p. 14.
2. *ibid*, p. 16.
3. *ibid*, p. 31.
4. *ibid*, p. 31.
5. Adam SHAFF apud Lino CASTELLANI, Educação Física no Brasil: a história que não se conta, p. 20.
6. Octavio PAZ, Calendário da SMC/PMPA.
7. Ingrid Dietrich WIGGERS, Ideologia e Prática da Educação Física Escolar, p. 97.
8. Ademir GEBARA, A Pesquisa em História e em Sociologia da Educação Física e do Esporte, p. 32.
9. *ibid*, p. 33.
10. Michael LOWY, Ideologia e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista, p. 69-70.
11. Guacira Lopes LOURO, História, educação e sociedade no RS, p. 30.
12. *ibid*, p. 31.
13. Romeo Ernesto RIEGEL, A Questão Política da Pesquisa na UFSM, p. 31.
14. Jacintho TARGA, Teoria da Educação Física Físico-Desportivo-Recreativa, p. 94.
15. Washington GUTIERREZ, Diagnóstico das Escolas de Educação Física do Estado do RS, p. 84.
16. Estelio Martins DANTAS, Auto-imagem do Professor de Educação Física, p. 36.
17. Joao Luiz ZINN, Study of Relationship between Admission Aptitude Tests for Physical Education Course of Study and Selected First-year Course Grades, p.
18. E. R. RIEGEL, *op. cit.*, p. 32.
19. Maria Beatriz Gorsky GARCIA, Análise Crítica das Disciplinas Pedagógicas e Profissionais da Atual Estrutura Curricular do Curso de Educação Física da UFSM, p. 128.

20. *ibid*, p. 1.

## Referências Bibliográficas

- BETTI, Mauro. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- CANFIELD, Jefferson Thadeu. *Educação Física e Desporto Universitário: aplicação do Dec. 69.450/71 na UFSM*. Santa Maria: Imprensa Universitária - UFSM, 1975.
- CASTELLANI Fo, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas, SP: Papirus, 1988.
- COMAGGER, Henry Steele. *Iniciação ao Estudo da História*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- DANTAS, Estélio H. Martin. Auto-imagem do Professor de Educação Física. In: OLIVEIRA Marinho de. *Fundamentos Pedagógicos: Educação Física 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1987, p. 34-40.
- GARCIA, Maria Beatriz G. *Análise Crítica das Disciplinas Pedagógicas e Profissionais da Atual Estrutura Curricular do Curso de Educação Física da UFSM*. UFSM. Dissertação de Mestrado, 1987.
- GEBARA, Ademir. A Pesquisa em História e em Sociologia da Educação Física e do Esporte. *Anais do II Simpósio Paulista de Educação Física*. Volume II. UNESP. Rio Claro, 1989.
- GUTIERREZ, Washington. *Diagnóstico das Escolas de Educação Física do Estado do RS*. UFRGS. Dissertação de Mestrado, 1976.
- LOURO, Guacira Lopes. História, Educação e Sociedade no RS. *Cadernos Educação e Realidade n. 1*. UFRGS, 1986.
- LOWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- RIEGEL, Romeo Ernesto. *A Questão Política da Pesquisa na UFSM*. Santa Maria: mimeografado, 1990.
- WIGGERS, Ingrid Diettrich. *Ideologia e Prática da Educação Física Escolar*. UFSM. Dissertação de Mestrado, 1990.
- ZINN, João Luiz. *Study of Relationship between Admission Aptitude Tests for Physical Education Course of Study and Selected First-year Course Grades*. University of Iowa. Dissertation of Doctor, 1984.

Janice Zarpellon Mazo: Prof. do Dept. de Educação Física da UNB.

